



# Medievalis

v. 12, n. 2 (2023)

## ***Auctoritas* e autoria na escrita medieval: uma análise sobre a participação de Christine de Pizan na *Querelle des Femmes***

| 126

Anna Beatriz Esser dos Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho busca analisar as formas de escrita produzidas por mulheres como Hildegarda de Bingen, Hadewijch de Antuérpia, Marguerite de Porete, Juliana de Norwich e Margery Kempe na Idade Média e como a participação de Christine de Pizan na querelle des femmes foi uma maneira a qual a autora construiu uma autoridade de escrita para si como forma de afirmação de um espaço de produção literária. Debateremos a noção de auctoritas e autoria na escrita de Christine de Pizan e como a sua produção escrita denota a participação de mulheres na produção escrita em finais da Idade Média.

**Palavras-chave:** Querelle des femmes; Christine de Pizan; escrita feminina; auctoritas; autoria.

**Abstract:** This paper aims to analyze the manners of writing produced by women such as Hildegard of Bingen, Hadewijch of Antwerp, Marguerite of Porete, Julian of Norwich, and Margery Kempe in the Middle Ages and how Christine de Pizan's participation in the querelle des femmes was a way in which the author built a writing authority for herself with the objective of asserting a space for literary production. It will be discussed the notion of auctoritas and authorship in Christine de Pizan's writing and how her written production denote the participation of women in written production in the late Middle Ages.

**Keywords:** Querelle des femmes; Christine de Pizan; women's writing; auctoritas; authorship.

<sup>1</sup> Doutora em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Assistente da Universidade Iguazu. Professora da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2232631167828117>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4812-7628>

E-mail: [annaesser@hotmail.com](mailto:annaesser@hotmail.com)





## 1. Introdução

Discussões sobre as mulheres cresceram no campo da história nas últimas décadas, reforçando produções que repensaram a atuação destas agentes históricas. A historiografia, em grande medida indiferente a tais personagens, modificou-se, passando a integrar o feminino no conjunto de temas atuais da academia.

Escrever a história das mulheres, apesar de todo o contexto atual, continua a ser uma tarefa árdua. Apesar do reconhecimento da escrita feminina enquanto objeto e a mulher enquanto sujeito da história, a partir dos anos 70 do século passado, com o movimento feminista e a introdução de temáticas relacionadas a gênero e história das mulheres, essa questão persiste com diversas interrogações, prejulgamentos e reivindicações com o intuito de quebrar o olhar majoritariamente masculino das produções intelectuais e literárias.

Esse crescimento da participação feminina referente ao ofício intelectual, através de mulheres eruditas, moralistas, teólogas, poetas, romancistas e filósofas, confirma um poder de resistência e de vários pequenos avanços alcançados ao longo dos séculos, seja no campo literário, no jurídico ou no domínio da sexualidade, sempre em busca da igualdade entre os sexos e do direito à diferença.

Essas mulheres, tendo a escrita como instrumento e portando um interesse específico sobre a questão feminina de cada época, transformaram o debate literário em uma discussão política. Entre elas, ressaltamos nosso objeto de estudo, Christine de Pizan, que participa no século XV da querela das mulheres, através do debate travado entre a letrada e alguns intelectuais acerca da misoginia expressa no *Roman de la Rose*.

A *Querelle des femmes* expandiu-se para um fenômeno literário e cultural, e acaba inserindo-se no processo de elaboração e desenvolvimento de grandes debates políticos e intelectuais até o século XIX. Deste modo, diversas autoras mulheres participam do debate, posicionando-se a favor da figura feminina, repensando a figura de Christine de Pizan e, sobretudo, produzindo obras próprias.

O presente texto é um aprofundamento das reflexões desenvolvidas na tese de Doutorado<sup>2</sup> sobre a produção e circulação das obras de Christine de Pizan ao longo dos séculos XV e XVI. Parte do arcabouço reflexivo da tese permeou a forma como Pizan construiu uma autoridade de escrita para si, como forma de afirmação de seu espaço de

---

<sup>2</sup> Tese intitulada “A construção das ideias de moral e normativa feminina em Christine de Pizan e sua leitura na dinastia de Avis: uma análise em perspectiva comparada” defendida em 2018 pelo Programa de pós-graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro.





produção literária num ambiente de corte onde não era comum uma mulher letrada e que trabalhava como escritora de ofício.

Christine de Pizan se destaca pois será a primeira mulher letrada leiga a exercer o seu ofício como escritora em uma corte e levantar sua defesa sobre as virtudes femininas, tratando de exemplos ilustres de mulheres e ditando conselhos de comportamento (assim como muitos dos homens que escreveram em seu tempo). Em seus textos, ela mostrará que leu muitos dos pensadores que criaram imagens sobre as mulheres, mas assim como mulheres como Hildegarda de Bingen, Hadewijch de Antuérpia, Marguerite de Porete, Juliana de Norwich e Margery Kempe, que trataremos igualmente neste texto, Christine de Pizan criará sua própria narrativa sobre ser mulher.

Ao abordar sobre Christine de Pizan e as mulheres citadas acima que escreveram sobre a temática feminina, uma questão de destacou em nossas reflexões. Podemos denominar essas diversas mulheres letradas como autoras? Existe nelas traços de uma autoria individualizada como se supõe as noções contemporâneas?

Este texto buscará então busca responder à essas questões, e para isso, percorreremos a produção das mulheres citadas e como estas construíram suas narrativas sobre o feminino, assim como verificaremos o posicionamento de Christine de Pizan na *Querelle des femmes*, a partir da perspectiva do gênero como um marcador de produção social<sup>3</sup>.

## 2. A escrita por mulheres

Mesmo com a força discursiva da produção masculina sobre as mulheres, ainda foi possível para que muitas delas produzissem sobre si. Aqui se mostra importante elencar aquelas que, sejam tratando da questão do corpo ou da virtude feminina, também foram para o campo das letras. Sabemos que Christine de Pizan foi uma das primeiras a

---

<sup>3</sup> Quando nos referimos à construção de gêneros, estamos nos remetendo a algo que se opõe a ideias deterministas, e pensamos sobre a produção social dos sentidos (do que é masculino e feminino) relacionada a um processo que é construído ao longo do tempo. Neste sentido, trabalharemos com as proposições teóricas elaboradas pela historiadora norte-americana Joan Wallach Scott (1995). A autora afirma que gênero é o saber a respeito das diferenças sexuais. Scott utiliza o conceito, aplicando-o segundo Michel Foucault, ou seja, como *a compreensão produzida pelas culturas e sociedades sobre as relações humanas*. Essa produção do saber encontra-se no social e envolve escolhas, interesses e relações de poder. Logo, consideramos que gênero e suas implicações possuem visão marcadamente politizada. Para a autora, discutir gênero é abordar algo social. O conceito de gênero apresenta-se para desconstruir a representação tradicional do feminino e do masculino, ao entender que homens e mulheres são socialmente produzidos pelo discurso dominante e por crenças, imagens e símbolos presentes nas diferentes culturas. Podemos, então, através da nossa fonte, observar e verificar novos modelos e novas representações acerca das mulheres medievais





exercer a função de mulher de letras como um ofício, mas não foi a primeira a escrever sobre a figura feminina na Idade Média. Antes de Christine, ou contemporâneas a ela, outras mulheres se desenvolveram no campo literário e desenvolveram tratados, poemas, biografias e narrativas.

Trotula de Rugiero ou Trotula de Salerno, que viveu no século XI, é um dos exemplos destas mulheres. O primeiro tratado de Trotula, intitulado *De passionibus mulierum curandorum ante, in, post partum* (*Sobre as doenças das mulheres antes, durante e depois do parto*), versa sobre ginecologia, obstetrícia e pós-parto (RUGGIERO, 1994). Nesta obra, citando fontes como Hipócrates, Galeno, Oribásio e Dioscórides, dentre outros, Trotula explica a menstruação, a concepção, a gravidez, o parto, o puerpério, o controle de natalidade, as doenças do útero e das vias urinárias. Além disso, como ela descreve as suas experiências particulares, a obra deixa transparecer que ela praticou cesariana e usou e recomendou o emprego de opiáceos como anestésicos durante o parto, para aliviar a dor das mulheres, contrariando os ensinamentos da Igreja Católica da época, que sustentavam que as mulheres deviam sofrer o parto sem qualquer alívio (SIMONI, 2010).

A alemã Hildegarda de Bigen (1098 – 1179 d.C.), foi uma monja beneditina, considerada a precursora das beguinhas, grande estudiosa da medicina, da filosofia e da teologia. Escreveu diversas obras, em que descreve suas visões místicas ou mensagens recebidas de Deus, dentre as quais: *Scivias* (*Conhecer os caminhos do Senhor*) (PINHEIRO, 2013), primeira de suas obras teológicas, iniciada em 1147, após a autorização do Papa Eugênio III, e concluída em 1151, em que expõe, de forma ordenada, 26 visões sobre os mistérios da salvação, divididos em três livros: o primeiro (seis visões) sobre a criação e entrada do mal no mundo à aurora pela queda de Lúcifer; o segundo (sete visões), sobre a salvação e a encarnação de Jesus Cristo; e o terceiro (treze visões), sobre a virtudes de sua tarefa na construção da salvação. Pela estrutura da obra, pode-se inferir que o objetivo principal da autora é, “*através dos ensinamentos da doutrina cristã, mostrar o caminho que, por meio da prática das virtudes, deve ser percorrido para se alcançar o reino celeste*” (POLL, 2010: 82).

Hildegarda também escreveu o *Liber vitae meritorum* (*Livro dos méritos da vida*), um tratado de ética, que estabelece a oposição entre vícios e virtudes a partir de figuras metafóricas, onde, por exemplo, os vícios são descritos ou retratados em formas grotescas que misturam partes humanas e animais, com o objetivo de mostrar e alertar para o perigo de não encontrar o caminho a ser seguido para alcançar o reino celeste, já apontado no





*Scivias*, por isso é considerado um complemento ou aprofundamento deste (COSTA, 2012).

Além dessas monjas, muitas das mulheres que desenvolveram a escrita eram membros do grupo das beguinhas, mulheres leigas católicas que praticavam uma vida ascética em comum, parecida com a monacal. Diferentemente das monjas, as beguinhas não estavam presas ao espaço do mosteiro. Os beguinários permitiam que a mulher tivesse acesso ao estudo sem estarem necessariamente atreladas ao controle eclesiástico. Essas comunidades ficavam, comumente, nas zonas urbanas, e isso favorecia ao não isolamento, assim, as Beguinhas ficavam mais próximas do povo, atuando na sociedade.

Michele Perrot (1993) afirma que as Beguinhas viviam dos ganhos pelo trabalho de cuidar de doentes ou pelo ofício de tecelãs. Por não seguir nenhuma hierarquia e não se vincular às ordens religiosas eram consideradas perigosas. De acordo com Claudia Opitz (1993), essas comunidades, ofereciam mais do que todos os outros conventos de mulheres fundados no final da Idade Média. Ofereciam alojamentos para mulheres que vinham da população mais pobre, além disso, a entrada nessas comunidades não obrigava a mulher ao celibato por toda vida.

A Beguina Hadewijch de Antuérpia, no século XIII, era uma poetisa que preferia comunicar suas produções na língua vulgar. Hadewijch escreveu quarenta e cinco poemas estróficos à maneira dos trovadores, como um tema único: o combate pelo amor, quer na presença quer na ausência do amado; a demanda pelo amor justo; além de trinta e uma cartas e catorze visões (TROCH, 2013).

Hadewijch evidencia em seus textos que o amor divino deve ser livre e orgulhoso, o qual cria autonomia e autoconsciência ao sujeito que o sente. Em seus escritos, ela ligou canções religiosas com poesia dos trovadores contemporâneos, usando dessa analogia para se mostrar como noiva e amante de Deus (SERRADO, 2010). Para ela, o caminho para o amor divino foi, também, o espaço que Hadewijch encontrou para orientar sua teologia, afirmando a possibilidade de igualdade na sociedade às mulheres que seguissem essa jornada. Para Hadewijch, o amor místico passava por três etapas: primeiro se tomava conhecimento do amor de Cristo; a isso se seguia uma entrega incondicional; por fim, a fiel alcançava o equilíbrio entre o amor místico e a vida terrena. Ela julgava que o amor místico a Deus era o único amor pleno, e sua obra dedica-se a mostrar quão central era este sentimento em sua vida (NICOLETTE; SANTOS; GUIMARÃES, 2017).

As Beguinhas pregavam para o povo que buscassem uma ligação direta com o divino sem que fosse preciso um intermediário, além da palavra que comunica a fé libertária, elas apoiavam os que estavam à margem da sociedade e, principalmente,





buscavam apoiar outras mulheres para que fossem plantando diariamente uma autonomia feminina.

Marguerite de Porete (1250 – 1310 d.C.), foi uma mística francesa que defendeu o direito à palavra até que foi perseguida pela Inquisição e queimada. Escreveu *Espelho das almas simples e aniquiladas*, e foi malvista na época por defender que a relação com Deus não passava necessariamente pelos sacerdotes.

Para ela, a criatura é constituída de corpo, alma e espírito, como afirma a teologia cristã, mas Porete vai um pouco mais adiante: para ela, a Alma estava no pensamento de Deus desde a eternidade. Disto decorre que, na mística poretiana, a Alma é a parte mais elevada da humanidade, é a parte divina que há na criatura e é somente por meio desta parte que as pessoas, abandonando toda realidade criada, abandonando o corpo formado por Deus e o seu espírito criado que assume a natureza de Deus e une-se a Deidade (NOGUEIRA, 2015).

A obra da mística Juliana de Norwich constitui o mais antigo escrito conhecido de autoria feminina em língua inglesa. Nascida na cidade de Norfolk, Inglaterra, em aproximadamente 1342 ou 1343, e falecida provavelmente em 1416. Escreveu em inglês médio o texto *A Revelation of Love*, que apresenta as visões que teve da divindade, durante a recuperação de uma séria doença que a teria deixado entre a vida e a morte:

And thus is Jhesu oure very Moder in kynd of oure furst making and he is oure very furst Moder in grace by taking of oure kynde made. [...]The moder may geve her chylde hyr mylke, but oure precyous Moder Jhesu, he may fede us with hym selfe and doth full curtesly and full tendyrly with the blessyd sacrament that is precyous fode of very lyfe<sup>4</sup>.

O texto de Juliana oferece um diálogo entre a teologia e a utilização de metáforas inusitadas para se referir a Jesus, como por exemplo, a metáfora de Cristo como mãe (Mãe Jesus), criando um elemento eminentemente feminino da perspectiva teológica de Juliana de Norwich.

Já *The Book of Margery Kempe* é considerada a mais antiga autobiografia em língua inglesa. Sua autora, a mística Margery Kempe, que viveu entre 1373 e 1438, apresenta a voz de uma mulher inglesa medieval com características como caráter, coragem e experiências sem igual:

---

<sup>4</sup>“E assim Jesus é a nossa verdadeira Mãe quanto à natureza por nossa primeira criação, e é nossa verdadeira Mãe quanto à graça por sua assunção de nossa natureza criada. [...] A mãe amamenta seus filhos com seu leite, mas nossa preciosa Mãe Jesus pode nos alimentar consigo mesmo, e o faz muito cortesmente e ternamente com o santo sacramento, que é o alimento da vida verdadeira” (BAKER, 2005: 93-94)





And this creature had contrition and great compunction, with plentiful tears and much loud and violent sobbing, for her sins and for her unkindness towards her maker. She reflected on her unkindness since her childhood, as our Lord would put it into her mind, very many times (KEMPE, 1994: 48).

Tanto a obra de Juliana de Norwich, quanto a de Margery Kempe, passaram a despertar maiores interesses por parte dos estudiosos da literatura inglesa principalmente a partir da década de 1970 em diante. Em 1986, a autobiografia de Kempe seria incluída em *The Norton Anthology of British Literature*, e os excertos das *Revelations* de Juliana de Norwich seriam incluídos na edição da mesma antologia de 1993, marcando assim a entrada das duas mulheres no cânone literário medieval inglês.

As mulheres citadas acima foram algumas das mulheres que buscaram romper com o silêncio que era imposto à mulher no final da Idade Média. Muitas delas, principalmente as místicas – “mulheres que buscavam o divino a partir da união das instâncias afetivas e intelectivas” (NOGUEIRA, 2015: 13), estavam conscientes de uma missão para com a propagação da palavra, pois esse chamado vinha diretamente da união íntima com o divino, assim sendo, elas se sentiam encarregadas de propagar a palavra de Deus para o povo. Neste sentido,

a experiência do místico consiste em experimentar Deus em sua plenitude, permitindo a alma se unir a ele tendo como base o texto bíblico, pois é ele quem fornece um ponto de partida para uma meditação, que passo a passo conduz à contemplação. (PINHEIRO, 2013: 2)

Sejam religiosas ou beguinhas, o que há em comum nos textos dessas mulheres medievais elencadas acima é a vontade de instaurar novas formas de vida cristã. Mas há também, um desenvolvimento de uma noção de amor pelo divino, cujo fervor de alcançá-lo se coloca no limite entre a ortodoxia e a heresia, o que nos faz questionar se o ato de escrever destas mulheres é uma forma de exercer sua autonomia.

### 3. Christine de Pizan e a *querelle des femmes*

Uma parte importante da constituição de Christine de Pizan enquanto autora se estabelece também a partir de sua trajetória de vida. Analisaremos o tipo de relação existente entre as ideias de moral feminina de Christine de Pizan e o contexto de construção social da mulher à época em que foram produzidas. Tais ideias compartilham valores relacionados a formulações masculinas ancoradas no universo cultural cristão de então. Contudo, ainda que fundamentado em tais compreensões, há nas ideias de moral





feminina em Pizan a contestação de certos princípios dessa representação socialmente construída ao longo da Idade Média. Nesse sentido, as ideias de regramento feminino nos textos de Christine de Pizan guardam certa independência em relações a compreensões masculinas e cristãs sobre o papel mulher, sendo os elementos desse contexto organizados e articulados textualmente de maneira peculiar, sobretudo na idealização de uma utopia feminina e no tratado moral para mulheres de diversos grupos sociais em *A Cidade das Damas* e no *Livro das Três Virtudes*, respectivamente.

Christine de Pizan nasceu em Veneza em 1365, porém mudou-se para a França quando tinha cinco anos, porque seu pai, Tommaso di Bevenuto da Pizzano, então professor da Universidade de Bolonha, fora contratado para ser astrólogo e médico pessoal de Carlos V. Devido a tal fato, Christine recebeu a mesma educação das princesas (AUTRAND, 2009). Pizan aprendeu a ler sobre os mais variados temas e a pensar sobre o conhecimento que adquiria, citando exemplos de autores clássicos como Aristóteles e Ovídio, com os quais teve contato ao longo de sua vida e mostrando grande domínio de suas obras (LEMARCHAND, 2001). Entende-se que suas reflexões sobre a necessidade das mulheres - assim como dos homens - de terem acesso ao conhecimento e aos estudos foi sendo desenvolvida nesta época (LEITE, 2008).

Christine casou-se aos quinze anos com Etienne Castel (AUTRAND, 2009) e em 1380, Castel foi nomeado secretário do Rei (FAMIGLIETTI, 1986). A década de 1380, todavia, foi bastante conturbada para a França. O filho de Carlos V, que já era órfão de mãe, tinha apenas onze anos quando o pai morreu (LEMARCHAND, 2001). Embora Carlos VI tenha sido coroado rei em 1381, quem governava de fato eram seus tios paternos, duques de Anjou, de Berry, da Borgonha e de Bourbon, pois ele era ainda menor de idade. Carlos VI conseguiu aos 20 anos livrar-se da influência dos tios regentes com a ajuda do Condestável Olivier de Clisson, inimigo político dos Duques de Berry e da Borgonha (LAIGLE, 1912).

Para Christine, o período também foi conturbado. Seu pai falece em 1387 e três anos depois seu marido também, deixando-a viúva após dez anos de casamento, e sua família perde sua posição e prestígio na corte (LAIGLE, 1912). Sem a presença do pai e do marido, Christine tinha sobre sua tutela seus filhos, Marie e Jean, a quem precisava sustentar.

Com a morte de Castel, e sem experiência na administração financeira do lar, tarefa que foi responsabilidade de seu marido durante os anos de casamento, muitos credores aproveitaram-se da situação e tentaram tomar os bens da viúva, algo que era muito comum na época, uma vez que normalmente a esposa não tinha conhecimento dos





negócios em que o marido falecido estivera envolvido (AUTRAND, 2009). Pizan, porém, buscou o conhecimento das leis, e foi em busca do que lhe era devido e de seus direitos. Lutou nos tribunais, um espaço essencialmente masculino, e mais tarde conseguiu reaver os bens que legalmente pertenciam a ela e aos seus filhos (WILLARD, 1963).

Para prover sua casa e a família, passou a escrever para ganhar seu sustento, em especial para as damas da corte. Christine recebe encomendas dos diversos grupos da nobreza de Borgonha, pois consagra em sua escrita as figuras importantes de cada casa regente em suas obras, principalmente através das figuras femininas (LAIGLE, 1912).

Ao iniciar sua atividade literária, Christine de Pizan estava ainda muito marcada pela perda de seu marido e por suas dificuldades financeiras (WAGNER, 2008). O resultado desse processo de escrita pode ser verificado nas estrofes das *Cem Baladas*, publicado em 1402:

Il y a cinq ans que je t'ay regraitté  
Souventes fois, a très pleureux visage,  
Depuis le jour que me fu joye ostée,  
Et que je cheus de franchise en servage.<sup>5</sup>

Como viúva no período medieval parecia restar-lhe três caminhos: a vida religiosa, um outro casamento ou manter-se viúva. Os primeiros não foram seguidos por Pizan, que se dedicou à atividade literária, escolhendo não contrair outro casamento.

A partir de 1399, passa a versar refletindo sobre a condição humana, surgindo daí escritos tanto filosóficos quanto historiográficos ou moralistas. Variadas também são as temáticas, que abarcam temas como a administração régia e a arte da guerra presentes nas obras *Livre des Fais d'armes et de chevalerie*, *Livre du Corps de Police*, *Lamentation sur la guerre civile*, *Livre de la paix*, *Epistre de la Prison de vie Humaine* e *Epistre à la Reine* (BORNSTEIN, 1983).

Christine desempenhava também o papel de historiadora, como na obra *Livre des Fais et bonnes moeurs du sage Roy Charles V*, no qual faz uma biografia de um personagem importante da história da França, através do olhar de uma criança. Este livro foi encomendado a Christine por Carlos VI, o filho de Carlos V, em 1410. Ela traça a biografia desse rei a partir das memórias de sua infância na corte. O texto foi editado várias vezes a partir do século XVII e continua sendo uma fonte preciosa ao servir como documento biográfico de Carlos V (WILLARD, 1984).

<sup>5</sup> “Há cinco anos tenho te lamentado / Diversas vezes, com rosto bastante choroso, / Desde o dia em que a alegria me foi retirada, / E que me tornei sinceramente serva”. *Cent Balades*. IX, v. 9-12. (PIZAN, 1885).





As damas e princesas francesas que influenciaram, ajudaram e financiaram Christine estão presentes no capítulo LXVIII d'A *Cidade das Damas*. Dentre as mulheres elogiadas por Pizan seguem-se em ordem: Isabel, esposa de Carlos VI e rainha da França; Duquesa de Berry, esposa do rei João da França, irmão de Carlos V; Valentina, filha do Duque de Milão; Margarida, duquesa de Borgonha; Maria, condessa de Clermont; Anna, duquesa de Bourbon; Bonne, condessa de Saint-Pol; Anna, filha do duque Le Marche e esposa de Luís da Baviera.

Christine de Pizan mostra que tinha consciência de seu entorno, do discurso e de sua aplicação no cotidiano, e ressaltava em seus escritos direta ou indiretamente tal utilidade em relação à vida cotidiana, retratando-a sob forma de recomendação prática, a exemplo de *L'Epître à la Reine*, uma carta em forma de conselho dirigida à rainha Isabel sobre a postura que deveria seguir enquanto governante; e também nos já citados *Livre de la paix* e *L'art des armes et de la chevalerie*, livros sobre a arte da guerra, nos quais se encontram as diretrizes, os objetivos e o comportamento úteis para as ordens militares. A ideia de utilidade mostra-se também em *A Cidade das Damas* e *O Livro das Três Virtudes*, através das reivindicações em nome das mulheres, consolidando o debate iniciado com a *querelle des femmes* (BRABANT, 1992).

Originada na última década do século XIV, durando até o século XIX, a *Querelle des Femmes* tornou-se um debate literário sobre as relações de gênero, cujo conteúdo ultrapassou uma questão sobre a imagem feminina, para se tornar uma prática política em relação a defesa feminina. Este debate contou com a participação de Christine de Pizan em sua gênese e buscava refletir sobre as consequências político-administrativas acerca da imagem negativa sobre a mulher (MCWEBB, 1998).

A *querelle des femmes* versava em torno do *Roman de la Rose*, poema escrito por Guillaume de Lorris por volta do ano de 1236. Rita Lejeune (1980) entende que este poema é uma homenagem à rainha da França, a jovem Marguerite de Provence que desposara o rei Luis IX e tinha treze anos quando se casou e vivia anteriormente na vila de Lorris em Gâtinais, uma das residências reais na região.

A primeira parte do *Roman de la Rose*, escrita por Guillaume de Lorris, há uma exaltação da figura da mulher com poemas em louvor ao amor, inserido dentro da tradição cortesã. O enredo baseava-se na história do jovem Amante, que adentra um jardim onde uma Rosa estava para desabrochar, tornando-se objeto de seu desejo. Para chegar perto da Rosa, ele contou com a ajuda de personagens como Amável-abrigo (*Bel Accueil*), Razão (*Raison*), Doce-Pensar (*Doux-Penser*), Doce-Olhar (*Doux-Regard*) e Doce-Falar (*Doux-Parler*), que o defenderam contra os inimigos Perigo (*Danger*), Ciúme (*Jalousie*),





Vergonha (*Honte*), Medo (*Peur*) e Má-língua (*Malebouche*). Lorris deixou a obra incompleta com cerca de 4050 versos.

A segunda parte, com cerca de dezoito mil versos, foi escrita quarenta anos depois, por volta de 1275, pelo padre Jean de Meung. Nesta parte acrescentam-se personagens como Abstinência-Contida (*Contrainte-Astenance*), Natureza (*Nature*) e Gênio (*Genius*). A seguir, Razão se aproxima de Amante a fim de lhe confortar dos tormentos do amor. O Amante ajudado por Deus do Amor tomará de assalto o castelo no qual está encerrada a Rosa (que no poema de Jean claramente passa a significar o órgão sexual feminino), a fim de colhê-la (à força), havendo aí a redução da figura da mulher a um objeto de prazer através da descrição do ato amoroso (ESCUADERO, 2008).

Neste poema existem então duas escolhas amorosas distintas: por um lado a escolha do amor cortês de Lorris, com temas clássicos do trovadorismo, fornece uma história de amor que serve como modelo educacional das classes nobres; por outro lado, a versão de Jean de Meung deixa a narrativa mais realista e direta, num estilo bastante diferente da primeira parte. A lição que Jean de Meung deixa ao final da segunda parte é que o relacionamento amoroso que não se destina à procriação fica improdutivo, estéril e suscetível às artimanhas femininas (ESCUADERO, 2008). Neste texto, há reflexões sobre uma queda do amor em um mundo em que os desejos estão desordenados (parte de Jean de Meung) e onde o amor está em conflito no coração do Amante (parte de Guillaume de Lorris). Com a mudança do texto, a estrutura do amor cortês em que há uma idealização da pessoa amada quebra-se e dá espaço a uma maneira diferente e mais irônica de se lidar com o jogo amoroso (ANDRADE FILHO, 2014).

Meung ensina como dar ouvido à tentação e vencer o conflito interior entre respeitar a liberdade da mulher e obedecer à lascívia de Júpiter e ao ímpeto instintivo de Vênus. Não há apreço pela sensibilidade e pela inteligência das mulheres solteiras ou casadas. Existe o realce, a sagacidade do homem que alcança justificar, aos próprios olhos, o uso da emboscada na conquista da jovem por meio de uma concepção negativa da mulher: todas são pervertidas, indiscretas e maliciosas.

A segunda parte do *Roman de la Rose* foi muito apreciada pelos escolásticos e estudiosos do século XIV<sup>6</sup> por traçar um perfil feminino frágil, débil. A imagem de mulher desenvolvida por Jean de Meung, foi decisivo para o aumento da noção de inferioridade das mulheres, colaborando para o recrudescimento da misoginia entre

---

<sup>6</sup> Sobre a recepção do Romance da Roda no século XIV, cf. BADEL, P. Y. *Le Roman de la Rose au XIVe siècle*, Genebra: Droz, 1980 e HUOT, S. *Romance of the Rose and its Medieval Readers: Interpretation, Reception, Manuscript Transmission*, Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 22-27.





aqueles que tinham acesso a obras como tanto na corte como nas universidades, espaço do qual as mulheres estavam excluídas.

Dentro deste ambiente letrado de religiosos e membros das universidades estavam os formadores da mentalidade medieval ao longo dos séculos XIV e XV que buscavam seus argumentos na diferença entre os sexos a partir dos escritos da antiguidade grega e latina, expondo especialmente a interpretação biológica da imperfeição da mulher, pela inferioridade de seu corpo e de seu espírito em relação ao homem.

Jean de Montreuil, clérigo de Lille e também secretário do rei Carlos VI, escreveu um tratado endereçado a Gontier Col, também secretário, conselheiro real e membro do alto clero, no qual defendia a segunda parte do poema<sup>7</sup>. Christine de Pizan se insere neste debate pois Jean de Montreuil envia a ela uma cópia de seu tratado. Foi neste momento que Christine de Pizan se envolveu na querela, posicionando-se contra o a visão do *Roman de la Rose*, ao redigir uma carta a Jean de Montreuil discordando de seu posicionamento (GREENE, 2007).

As intensas trocas de cartas deste debate, que incluiu ainda o irmão de Gontier, Pierre de Col ao lado de Montreuil, e Jean Gerson chanceler da Universidade de Paris, ao lado de Christine foram posteriormente compiladas em um dossiê (PISAN et al., 1977), o qual foi dado a Isabel de Baviera, rainha regente no período. Na dedicatória deste dossiê entregue à rainha, Pizan explica que o fez com intenção de defender o sexo feminino (BROWN-GRANT, 1999).

O *Roman de la Rose*, por sua circulação imediata e posterior, causou uma grande impressão sobre Christine de Pizan, que talvez tenha se sensibilizado pelo texto por conta de suas próprias experiências como uma jovem viúva e pela situação das mulheres na sociedade (BROWN-GRANT, 1999).

Christine posiciona-se contra a imagem da mulher na segunda parte da obra, sua crítica fundamenta-se principalmente na caracterização de Meung sobre a conquista da Rosa. Lidia Amor afirma que Christine se insere neste debate como forma de desenvolver uma imagem pessoal de mulher de letras, portadora de uma legitimação de sua escrita na medida em que é a portadora da defesa das mulheres em suas obras (AMOR, 2013).

---

<sup>7</sup> Éliane Viennot aborda a questão da interpretação da lei sálica no século XV nos debates da *querelle de femmes*: de um lado, a interpretação beneficiava a corrente moral, que caluniava as mulheres, como o escritor Jean de Montreuil, que falsificou a ordem jurídica da lei, na tentativa de encontrar base para vencer os argumentos de Christine de Pizan, na *Cité des Dames*; do outro, a interpretação apoiar-se-ia nas provas jurídicas existentes e nos precedentes históricos para legitimar o direito da mulher de governar. Cf. VIENNOT, Éliane. *La France, les femmes et le pouvoir: L'invention de la loi salique (V<sup>e</sup>-XVI<sup>e</sup> siècle)*, Volume 1, Paris: Perrin, 2006.





Christine de Pizan aborda mais profundamente sua crítica a segunda parte do *Roman de la Rose* no poema *Epistre au Dieu d'Amour*, escrito por volta de 1399 e contém 860 versos e narra que mulheres nobres e burguesas, solteiras e casadas dirigiram-se à Christine de Pizan lamentando-se da difamação que lhes é continuamente imputada, principalmente na França. Christine, então, assume o papel de representante das damas e donzelas, se posicionando contra os detratores da honra feminina, como Jean de Meung.

O texto faz referências ao mau comportamento de falsos cavaleiros e nobres desleais, prontos a falar em louvor próprio e contra as damas nos assuntos amorosos e na proposição de ser a mulher, por natureza, superficial, maliciosa e pendente a dissimular. Afirma que obras como o *Roman de la Rose* não tratam do amor verdadeiro, mas da arte de enganar quem não dispõe de suficiente reconhecimento social e perspicácia para se defender. Justifica-se, afirmando que os livros são escritos por homens, e as mulheres são frequentemente simples, ternas e generosas, inclinadas a confiar naqueles que arditosamente as traem.

Tece elogios à mãe de Jesus, às virtudes e à doutrina cristã com ênfase para o apreço que Deus manifestou pela mulher na história da salvação. E finaliza sua narrativa na presença do rei e da sociedade palaciana, solicitando uma rigorosa punição para o comportamento abominável de nobres e letrados que, em lugar da gratidão devida à mãe e às irmãs, praticam e elogiam, sob o influxo do livro de Meung, os mais variados métodos de enganar as mulheres:

Et comment donc quant fresles et legieres  
Et tournables, nyses et pou entieres  
Sont les femmes, si com aucuns clers dient,  
Quel besoing donc est il a ceulz qui prient  
De tant pour ce pourchacier de cautelles?  
Et pour quoy tost ne s'i accordent elles  
Sanz qu'il faille art n'engin a elles prendre? <sup>8</sup>

Christine denuncia o sofrimento das damas e donzelas no *Roman* e na Corte de Paris, o que fortalecerá a tese que defende. Eis a estratégia retórica de converter, numa guerra verbal em que está em jogo a honra feminina, a agressividade do inimigo em força e conquista do aliado. Christine mostra sua retórica e aponta a inconsistência do discurso de Jean de Meung:

<sup>8</sup> E como então sendo frágeis e levianas, / E inconstantes, simplórias e totalmente ingênuas / São as mulheres, tal como dizem alguns letrados, / que necessidade há para aqueles que pregam / De tanto se armar de cautela? / E por que rapidamente não se submetem elas / Sem que faça falta arte ou engenho para capturá-las? / Porque para castelo conquistado não é necessário guerra empreender (Tradução nossa). *Epistre au Dieu d'Amours*. v. 379-386. In: PIZAN, Christine. *Oeuvres poétiques*. Ed. Maurice Roy. Tomes 2 et 3. Paris: Didot, 1885-96. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k9614325n/f13.image>





Et Jehan de Meun ou Romant de la Rose,  
Quel long procès! quel difficile chose!  
Et sciences et cleres obscures  
Y met il la et de grans aventures!  
Et que de gent soupploiez et rovez  
Et de peines et de baraz trouvez  
Pour decepvoir sanz plus une pucelle,  
S'en est la fin, par fraude et par cautelle!  
A foible lieu faut il donc grant assault?  
Comment peut on de près faire grant saut?  
Je ne say pas ce veoir ne comprendre.<sup>9</sup>

Fazendo um contraponto ao *Roman de la Rose*, no qual a dissimulação e a astúcia são recursos necessários para a submissão da mulher, para Christine, esses são os vícios que mais repudia nos cavaleiros e letrados. Refere-se, em várias estrofes, às calúnias e à conivência na perversidade com que se injuriam as mulheres:

Et meismement, dont plus griefment se deulent,  
Des nobles gens qui plus garder les seulent.  
Car a present sont pluseurs chevaliers  
Et escuiers mains duis et coustumiers  
D'elles traÿr beaulx blandissemens.  
Si se faignent estre loyaulx amans  
Et se cueuvrent de diverse faintise;  
[...] Et jurent fort et promettent et mentent  
Estre loiaulx, secrez, et puis s'en vantent.  
D'aler souvent et de venir se peinent,  
Par ces moustiers ça et la se pormennent  
En regardant, s'apuient sus aultelz".<sup>10</sup>

Com idêntico critério, descreve os traços da nobreza de caráter de quem efetivamente sabe amar:

Si leur deffens villenie et meffait  
Et leur commans poursuivre honneur de fait,  
Estre loiaulz, secrez et voir disans,  
Larges, courtois, et fuir mesdisans,  
Humbles et doulz, jolis et assesmés.<sup>11</sup>

<sup>9</sup> E Jean de Meung ou Roman de la Rose,/ Quanto processo longo! Que coisa difícil! / E ciências claras e obscuras / São introduzidas nessa [arte] e grandes aventuras! / E a quantas pessoas suplicar e contestar / E quanto sofrimento e obstáculos encontrar / Para seduzir nada mais que uma virgem, / Se esse é o objetivo, por fraude e com cautela! / A um lugar fraco é então necessário um grande assalto? / Como se pode ao alcance da mão fazer-se um grande assalto? / Eu não sei conceber ou compreender (Tradução nossa). *Epistre au Dieu d'Amours*. v. 390-399.

<sup>10</sup> E ainda assim, do que mais se doem, / Dos nobres que mais costumavam guardá-las somente./ Porque no presente são muitos cavaleiros / E escudeiros e muitos duques e investidos / De traí-las com belos elogios. / Eles fingem ser leais enamorados / E se cobrem de variadas fantasias [...] / E juram de verdade e prometem e mentem / Ser leais, discretos, e depois se vangloriam disso. / De ir com frequência e de vir sofrem,/Por aqui e lá andam a pé, / Olhando-se, apoiam-se uns aos outros. (Tradução nossa). *Epistre au Dieu d'Amours*. v. 31-37; 45-49.

<sup>11</sup> Se eu lhes proíbo vilania e maldade, / E lhes ordeno de aderir à honra de fato, / Ser leais, discretos e, de fato, bendizentes, / Generosos, corteses, e fugir dos maldizentes, / Humildes, e doces, galantes e amáveis / Firmes e francos. (Tradução nossa). *Epistre au Dieu d'Amours*.v. 75-80.





Além de qualidades como honra, generosidade, firmeza, humildade e sinceridade, aparecem no texto os ideais da cavalaria, embora os bons modos pudessem ser incluídos nesse rol, pois faziam parte dos princípios cavaleirescos.

Em várias estrofes, contudo, Pizan sabe que está num embate discursivo em que Christine mostra saber discernir entre as ocasiões que tornam mais oportuno o silêncio ou a palavra:

Si me souffist de louer sanz blasmer;  
Car on peut bien quelque riens bon clamer [...]  
Si se vault mieulz du dire reposer.  
Pour ce m'en tais, si en soit chascun juge. <sup>12</sup>

Christine faz interlocuções com o *Roman de la Rose*, e rebate a afirmação das mulheres serem infiéis e dissolutas, não merecendo que nenhum homem se comprometa em matrimônio com elas. Meung afirma no *Roman de la Rose* que, uma vez casado, o homem não faça gastos com a mulher; ao contrário, deve se apossar de seus bens e nunca permitir que ela tenha mais instrução do que ele, sob a ameaça de ser subjugado pelo muito saber da esposa. Christine comenta então ser lamentável, que a literatura esteja sob o domínio dos homens e que a sabedoria não interfere na vida das mulheres:

Et s'on me dit li livre en sont tuit plein  
C'est le respons a maint dont je me plain,  
Je leur respons que les livres ne firent  
Pas les femmes [...] <sup>13</sup>

O poema *Epistre au Dieu d'Amour* acaba por atribuir a responsabilidade dos dois sexos às questões referentes à paixão, expande o debate sobre a *querelle des femmes*. É na *Epistre* que ela se pronuncia contra a atitude condescendente de alguns homens, que se valem do modo cortês e adverte as mulheres para não cair nas armadilhas desses homens.

O poema *Epistre au Dieu d'Amour* não só se propôs a ser uma defesa das mulheres frente à imagem negativa do *Roman de la Rose*, mas também é a obra em que Christine de Pizan começa sua defesa da figura feminina, apontando suas qualidades e virtudes. O debate de Pizan torna-se notório, a ponto de Gontier Col, mesmo sendo seu adversário na *Querelle du Roman de la rose*, referir-se a ela como uma “mulher de alto e elevado

<sup>12</sup> Se me for suficiente louvar sem criticar; / Pois se pode alguma coisa boa divulgar [...] / Se é melhor de dizer repousar / Por isso me calo, para que cada um se julgue. (Tradução nossa). *Epistre au Dieu d'Amours*. v. 635-636; 640-642.

<sup>13</sup> E se alguém me diz: todos os livros estão cheios dessas adjetivações, / É a resposta de que mais eu me lamento, / Eu lhes respondo que os livros não fazem/ as mulheres [...] Tradução nossa). *Epistre au Dieu d'Amours*. p. 407-410





entendimento, digna de honra e recomendações”<sup>14</sup>. É com este debate que se desenvolve a *Querela das mulheres* (*Querelle des femmes*), que se transformará em uma grande discussão de caráter literário acerca da defesa da figura da mulher. É em torno do contexto apresentado acima que a *querela* se desenvolve, principalmente acerca do conceito de amor, das qualidades literárias de Jean de Meung e do papel das mulheres (ESCUDERO, 2008). A *Querela* se estabeleceu com debates que buscavam outros caminhos de representação da mulher, através da reivindicação de um maior espaço dentro do cenário social (MCWEBB, 1998).

A questão central em seus escritos, porém, é a defesa da mulher, um constante debate sobre a figura representativa do que é ser mulher em sua sociedade, marcadamente desde a *Epistre au Dieu d'Amour* (obra que a inseriu nas discussões sobre o *Roman de La Rose*, de que trataremos mais à frente), as quais suas obras passam a não somente a falar sobre mulheres, mas também das mulheres, com suas histórias, contextos e virtudes.

Sua defesa a favor de um campo de estudo letrado das mulheres já aparece em 1403 com o *Livre du chemin du long étude*, obra baseada na *Divina Comédia*, que narra uma viagem guiada pela Sibila de Cumes. Christine é a personagem principal, a quem a Razão confia a redação dos debates e decisões travados nessa longa viagem. Christine segue pelo caminho correto, pois percorre o caminho de “longo estudo”, aquele reservado exclusivamente aos letrados, que a leva ao céu, e encontrando personagens alegóricos como a Sabedoria, a Nobreza, a Cavalaria e a Riqueza (ESTEVA DE LLOBET, 1999).

Nesse texto, Pizan se coloca na narrativa enquanto personagem (semelhante ao que fará em *A Cidade das Damas*) e constrói uma história intercalada por um sonho, uma viagem e um debate. Lidia Amor afirma que tanto *Epistre au Dieu d'Amour* quanto *Livre du chemin du long étude* são essenciais para Christine de Pizan se desenvolver enquanto mulher de letras naquela sociedade de corte e que “sua inteligência lhe permite encontrar o caminho mais sutil para construir a sua persona publica, mas não como um disfarce ou uma mentira, mas como uma identidade social” (AMOR, 2013: 149).

A Sibila diz que a escolheu como estudante por causa do seu amor pelo conhecimento. Lidia Amor afirma que se igualando ao modelo sibilino, *la femme de lettres*, graças a seu conhecimento e sede de saber, reconhece que “sua missão será a de difundir, através de sua escrita, o doutrinamento necessário para melhorar a sociedade humana” (AMOR, 2013: 150). Agora, então, torna-se tangível o processo de legitimação

---

<sup>14</sup> “*femme de hault et élevé entendement, digne d'onner et de recommendations*” (Tradução nossa) In: COL, Gontier apud RIGAUD, Rose. *Les idées féministes de Christine de Pisan*. Tese apresentada à Faculté des Lettres de l'Université de Neuchâtel, Slatkine Reprints, 1973. p. 19.





de Pizan, com a narrativa do longo estudo enquanto uma narração da formação intelectual legitimadora. Ao analisar comparativamente as obras anteriores, é possível ver *A Cidade das Damas* tal como uma continuidade, uma vez que Christine já tem o poder do conhecimento, agora é o momento da ação, da construção de um espaço seguro. Estas são as bases do que Christine de Pizan desenvolverá em *A Cidade das Damas*.

Uma das primeiras indagações que fazemos é sobre a relação entre o contexto de Christine de Pizan e sua obra. Porque Christine de Pizan se envolve na *querelle des femmes*? Será que as ideias de moral feminina de Christine se relacionam somente ao contexto ou a autora vai além desta relação?<sup>15</sup>

Assim entendemos que texto é construído historicamente, mas que a própria construção dele aponta para uma certa independência pois o que aparece no texto e o modo em que aparece não é uma continuidade *stricto sensu* do que está no texto.

Por exemplo, em *A Cidade das Damas*, Christine de Pizan reserva o espaço àquelas mulheres que se ilustravam pela sabedoria, pelo discernimento e pela justiça, uma resposta ao papel de Eva e Maria Madalena criado pelos religiosos e retomando o debate em relação ao *Roman de la Rose*.

Em outros momentos da obra a autora retoma a defesa da educação e do ensino para as mulheres, partindo do seu próprio exemplo, uma mulher que adquiriu tanto conhecimento e sabedoria e conseguiu uma posição remunerada em um espaço masculino. Como já vimos, ela acreditava na capacidade feminina de aprendizagem reprovando uma sociedade que, segundo ela, negava às mulheres a oportunidade que Deus deu a todos os seres humanos de adquirir o saber.

Assim, entendemos que Christine de Pizan, apesar de já avançar ao estender a perspectiva sobre a mulher pela mulher, é ainda uma mulher de seu tempo, que absorve as demandas do local a que pertence, e não se desvincula do discurso corrente, muitas vezes exemplificando e aconselhando às mulheres como forma de garantir um espaço de

---

<sup>15</sup> Responderemos estes questionamentos utilizando Dominick LaCapra que nos mostra a fragilidade de pares duais (e, por vezes, dicotômicos) como texto/contexto, discurso/realidade, autor/produção, vida/obra, entre outros. O texto está em relação com outros textos, difere e aproxima-se destes, está indefectivelmente permeado pelo contexto (ponto relativamente consensual) e não é redutível à condição de "simples" documento, artefato, registro do passado. A atitude crítica e transformadora impõe uma relação de construção e desconstrução de diálogo crítico com o texto e os problemas que levanta. O contexto – igualmente – está imbricado com os textos, como "mundo real" está ele próprio "textualizado" de várias maneiras, sua construção é viabilizada por textos, por reminiscências e relatos do passado. Daí novamente a necessidade de uma abordagem que instrumentalize uma crítica do contexto como (in)formado por textos, e do texto como elemento imbricado no contexto. Cf. LACAPRA, Dominick. Repensar la historia intelectual y ler textos. In: PALTI, Elías. "Giro lingüístico" e história intelectual. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1998. p. 237-292.





atuação possível, utilizando a prudência como forma de preservação de uma prática feminina virtuosa, não reduzida a construção masculina sobre o feminino.

#### 4. Autoria e Autoridade na escrita feminina

A noção de autoria vem sendo associada, ainda na Antiguidade clássica, com a ideia a de *auctoritas* (autoridade), a partir da reatualização dos efeitos verossímeis dos discursos, empreendida, principalmente, por Aristóteles (CASTRO, 1982). Segundo os princípios da Retórica, os autores possuem autoridade devido a sua virtude, fornecendo exemplos que devem ser seguidos pela imitação, para ter uma fundamentação no discurso narrativo.

Na Idade Média, verificamos que a noção de autoria se relaciona à ideia de autoridade (*auctoritas*) em relação à concepção de um autor (*auctor*) propriamente dito. Por isso, a “originalidade” ou “autoria”, tal como a entendemos hoje, se encontraria em segundo plano no conjunto da produção escrita medieval. Entretanto, o conceito - inexistente naquele momento -, bem como sua intenção, não eram, naturalmente, objeto da preocupação daqueles homens ou de seus contemporâneos, e uma das mais importantes evidências desse fato é dada pelas teorizações em torno das “compilações” – esforço de coleta de informações e ideias correntes na época ou em várias épocas sobre um ou vários temas, tendo uma finalidade aproximada da enciclopédia –, ressaltando-se o esforço de erudição e a capacidade interpretativa demandados por parte do *auctor*.

Os medievais sempre recorreram às *auctoritates* em suas próprias composições literárias, com a intenção de marcar a sua legitimidade autoral. Primeiro recurso do método escolástico, as autoridades são frases, citações, passagens extraídas das Sagradas Escrituras, da Patrística ou dos autores e filósofos clássicos, destinadas a enfatizar a própria argumentação. O propósito é não deixar qualquer dúvida sobre a veracidade dos textos. Os textos inquestionáveis são os escriturários; os mais confiáveis, na hierarquia, são os autorizados, que, apesar de não estarem na Bíblia, propiciam crédito aos autores (SUMMIT, 2003).

A referência às *auctoritas* é parte integrante da estratégia narrativa de Christine de Pizan e traz à tona todo um processo que concorre para garantir a veracidade de sua obra. É necessário estar atento aos livros, às autoridades, e aos relatos dos antigos, exatamente da forma como Christine desenvolve sua obra. Esta tática retórica permite





contar as histórias com o seu próprio *status* de criador de uma narrativa. Ainda inexistente, na Idade Média, a noção de autoria, como nós a conhecemos.

A questão da autoria derivaria sua validação não da sua originalidade, mas da sua afiliação com uma longa linha de autores que viria do passado. Segundo Jennifer Summit, a autoria possuía uma variedade de significados na Idade Média dentro de diferentes contextos institucionais e culturais. Em ambientes escolásticos, os gramáticos medievais empregavam o termo *auctor* como um marcador de autoridade doutrinal, significando um antigo teólogo ou escritor clássico aprovado que merecia deferência e obediência. O status do *auctor* emergiu dentro de um sistema que relacionava *auctoritas*, autoridade, à tradição, definida como uma corrente de influência contínua pela sua raiz *tradere*, transmitir (SUMMIT, 2003).

Essa seria a compreensão de autoria usada, por exemplo, por Christine de Pizan na abertura do seu *A Cidade das Damas*, quando vislumbra, em seu espaço de estudo uma série de mulheres exemplares, ou seja, uma tradição de escritos de autoria feminina em forma de uma fonte que jorra ao longo dos séculos. No entanto, a cena no estúdio de Christine também marca a distância entre o *auctor* e o escritor vivo, dado o contraste entre as autoras ligadas pela tradição e o status conferido pelas autoridades eclesiásticas no caso de religiosas autoras de relatos (SUMMIT, 2003).

Roger Chartier pensa esta relação de autoria a partir da perspectiva denominada de função-autor, resgatando as considerações de Foucault sobre a questão<sup>16</sup>:

genealogia da ‘função autor’ para os textos literários possui uma duração muito mais longa que aquela que Foucault nos sugeriu, e nesta genealogia delongada duração não podemos colocar em jogo unicamente a ordem do discurso, mas também a ordem dos livros (CHARTIER, 2012: 61).

Chartier, em seus estudos das mudanças históricas do exercício dessa função autor, segue de perto dois princípios anunciados pelo filósofo: a *função autor* não é nem universal, nem atemporal; e, em função disso, é necessário localizar historicamente as variações das condições de exercício da autoria ao longo do tempo, e de uma cultura a outra, por meio da análise de indícios materiais desse exercício, presentes no modo como

---

<sup>16</sup> No final da década de 1960, Michel Foucault proferiu a célebre conferência intitulada “O que é um autor?” abordando a polêmica em torno do desaparecimento da figura autor. Procurando refletir a respeito dos dispositivos através dos quais se tornou importante saber “quem fala”, Foucault ressalta os diferentes mecanismos no tempo e no espaço que legitimaram a atribuição de um nome próprio a certos textos. Além disso, destacou a filiação de certos discursos a um grupo específico, estabelecendo aos indivíduos a noção de autoria e ao conjunto de seus feitos, o conceito de obra. Cerca de trinta anos depois da palestra de origem, o historiador Roger Chartier fora convidado a proferir, também para a Sociedade Francesa de Filosofia, uma palestra na qual revisita a famosa conferência de Foucault. Cf. CHARTIER, Roger. *O que é um Autor?* Revisão de uma genealogia. São Carlos: EdUFSCar, 2012.





os textos, canônicos ou ordinários, são produzidos; no modo como circulam e são selecionados, estetizados, valorados diferentemente, nas modalidades de sua apropriação; no modo, enfim, como a alguns é outorgado o direito e a necessidade de contarem com um nome de autor, enquanto outros são dele destituído. Igualmente, o surgimento da função autor implica a seleção dos textos que compõe as obras, além do estabelecimento das suas chaves de leitura (CURCINO, 2016).

Portanto, tanto o autor quanto a obra surgem a partir de um mesmo tratamento que lhes é dispensado e que visa a criar certa homogeneidade e coesão (GURGEL, 2016). Logo, ele é uma

função de classificação dos discursos, que permite as exclusões ou as inclusões em um *corpus*, atribuível a uma identidade única. Ela é, nesse sentido, fundadora da própria noção de obra e caracteriza certo modo de existência comum de alguns discursos que são atribuídos a um único lugar de expressão (CHARTIER, 2012: 29).

Chartier também faz uma crítica a Foucault afirmando que um aspecto inexplorado pelo filósofo é o que trata do momento de elaboração da “função autor”. Conforme indica o historiador, a construção dessa função reside na disseminação da noção de autoria entre os escritos de língua vulgar, algo que antes pertencia apenas aos escritores cristãos e aos da Antiguidade submetidos ao regime de *auctoritates* do latim. Muitos dos homens e mulheres que escreveram após o século XIII irão utilizar a língua vulgar para desenvolver seus escritos.

Embora se ligue a “função autor” ao surgimento do livro impresso, para Chartier isso não se verifica. Em primeiro lugar, porque o manuscrito convive com a publicação impressa, mas, mais fundamental ainda é a mutação do objeto livro enquanto tal. Afirma que do século VIII até o século XIV ele é predominantemente caracterizado por miscelâneas. Isto é, em um mesmo códice estavam presentes textos de *autores*, datas, origens, naturezas e gêneros variados. Sua organização em uma unidade não se baseava na “função autor,” mas, como sugere Chartier, na “função leitor” ou “função-copista” que reuniam estes textos.

No entanto, para Chartier, nos séculos XIV e XV

começa a aparecer uma unidade entre o ‘objeto’ (livro), uma obra (compreendida num sentido singular ora como conjunto de textos produzidos por uma mesma mão, ora como um mesmo ‘espírito’) e o nome do autor (CHARTIER, 2012: 61).





Para Chartier, essa é a condição de possibilidade, uma espécie de base para que a função autor seja mobilizável e possa atuar como princípio de ordenação, identificação e atribuição das obras. Nesse momento começam a surgir retratos dos autores no interior dos manuscritos, que “os representam, de modo um pouco ingênuo, no ato de escrever a obra que o leitor tem nas mãos” (CHARTIER, 1999: 31-32). Este caso parece ser o das iluminuras dos manuscritos de obras de Christine de Pizan, que a retratam em seu ofício de escritora ou entregando seu livro a alguma nobre:

O ato da escrita em finais da Idade Média estava ligado a contextos sociais e históricos que envolviam patrocínio, reprodução e circulação, o que colocava em xeque a autonomia do autor, bem como às figuras dos escribas, compiladores, confessores e biógrafos. Jennifer Summit afirma que nenhum autor medieval poderia unilateralmente declarar que ele ou ela seriam um autor sem o apoio de múltiplos agentes de transmissão textual através dos quais a escrita ganharia autoridade (SUMMIT, 2003).

A função autor é, portanto, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade, ou seja, é uma categoria que ultrapassa a própria figura do (a) escritor (a) e se configura na forma de discurso que circula em uma dada sociedade numa determinada época. Nesse sentido, poderíamos considerar que as obras das autoras em estudo nesta sessão teriam sua autenticidade atestada pelos elementos textuais, estilísticos e literários que perpassariam as mesmas e lhes confeririam essa unidade de escrita debatida por Foucault e Chartier.

É neste sentido que verificamos a autoria de Christine de Pizan, estabelecida em um momento de desenvolvimento da “função autor” (que só se tornará o autor subjetivo no século XVIII). Seu caso se torna singular justamente porque Pizan elenca exemplos e experiências para desenvolver a perspectiva feminina em suas obras. Ela desenvolve seu texto de uma *autorictas* mulher. Christine de Pizan defenderá que a mulher deve ocupar um espaço letrado, ter conhecimento para viver em sociedade utiliza isso como uma forma de resistência feminina. Christine de Pizan escreve, então suas primeiras obras sobre a temática feminina no início do século XV, mais precisamente com a *L'Epistre au Dieu d'Amour*, resposta a *Querelle du Roman de la Rose* e finalmente com *A Cidade das Damas* e sua continuação *O Livro das Três Virtudes* tentando combater com um conjunto modelos de representações que tendiam a retratar a inferioridade e submissão das mulheres, relegando a contribuição feminina somente a auxiliar aos homens, cuidar dos filhos e da família ou ser casta.





## 5. Considerações finais

Diversas mulheres conseguiram manter sua participação no processo de elaboração e desenvolvimento dos grandes debates políticos e intelectuais de suas épocas, tiveram que resistir a vários obstáculos. O espaço fechado para os estudos, a concepção de inferioridade intelectual feminina, os preconceitos com a profissionalização das mulheres e todas as estratégias de torná-las excluídas do saber e da construção da sociedade são algumas amostras da dificuldade enfrentada pelas mulheres.

Durante grande parte da Idade Média e início da modernidade, a figura da mulher foi definida, interpretada e imaginada pelo olhar masculino, que a colocava como uma figura frágil, muitas vezes inconstante e, na maioria dos casos, sedutora, que precisava ser sempre guiada, interdita ou chancelada pela presença de um homem. Neste período, a construção de uma noção de identidade feminina por mulheres era dificultada por uma lógica social que colocava a sabedoria, a escrita, a eloquência e a oratória nas mãos do homem. Houve, porém, algumas que conseguiram interpretar e produzir sobre o ‘ser mulher’ nas sociedades em que viveram e, assim, mostrar uma visão diferente daquela dos escolásticos de suas épocas.

Hildegarda de Bingen, Hadewijch de Antuérpia, Marguerite de Porete, Juliana de Norwich e Margery Kempe, tendo a escrita como instrumento e portando um interesse específico sobre a questão feminina de cada época, transformaram a produção de escrita em estratégias de demarcação do espaço de ser mulher na sociedade. E Christine de Pizan foi uma dessas figuras.

Se no universo em que produziu Christine houve precedentes que colaboraram com a circulação de suas obras pelo público, parece-nos, contudo, que isso não desvinculou o feminino de uma regulamentação perante a produção escrita, justamente pelo fato do feminino ser pensado como localizando-se fora do âmbito hierárquico de circulação intelectual. Atitudes de produção literária feminina, como a de Pizan e outras que a antecederam e sucederam, reivindicaram novas construções, as quais possibilitaram mudanças de significações da figura feminina e a abertura de um espaço, ainda que pequeno, de produção intelectual de mulheres e para mulheres.





## Referências bibliográficas

AMOR, Lidia. Trazos femeninos en la historia intelectual francesa de la Edad Media tardía: La literatura didáctica y la legitimación del yo en *Le chemin de longue étude* de Christine de Pizan. *Feminine strokes in French intellectual history of the late Middle Ages*. **De Medio Aevo**, v. 1, n. 1, 2013. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4317948>, acesso em: 13/01/2023.

ANDRADE FILHO, Ruy de Oliveira; ALVES, Luiz Fernando. A Poética do amor em O romance da Rosa. **Mirabilia**, n.19, v.2, 2014. Disponível em: <http://www.raco.cat/index.php/Mirabilia/article/viewFile/286976/375201>, acesso em 20/01/2024.

AUTRAND, Françoise. **Christine de Pizan. Une femme en politique**. Paris: Fayard, 2009.

BADEL, P. Y. **Le Roman de la Rose au XIVe siècle**, Genebra: Droz, 1980.

BAKER, Denise N. **The Showings of Julian of Norwich**. (A Norton Critical Edition). New York: W.W. Norton & Company, 2005.

BORNSTEIN, Diana: Ideals for Women in the Works of Christine de Pizan. **Speculum. Journal of Medieval Studies**, 58/2, p. 437-438, 1983. Disponível em: <http://www.journals.uchicago.edu/doi/abs/10.2307/2848265>, acesso em 12/02/2024.

BRABANT, Margaret; BRINT, Micheal. "Identity and difference in Christine de Pizan's *Cité des Dames*". In: BRABANT, Margaret. **Politics, Gender and Genre: the political thought of Christine de Pizan**. Colorado: Westview Press, 1992.

BROWN-GRANT, Rosalind. **Christine de Pizan and the moral defence of women**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

CASTRO, Manuel A. de. **O acontecer poético: a história literária**. Rio de Janeiro: Antares, 1982. <sup>1</sup> SUMMIT, Jennifer. "Women and Authorship". In: DINSHAW, C.; WALLACE, D. (ed.). **The Cambridge Companion to Medieval Women's Writing**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

CHARTIER, R. **Os Desafios da Escrita**. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

CHARTIER, Roger. **O que é um Autor? Revisão de uma genealogia**. São Carlos: EdUFSCar, 2012.

COL, Gontier apud RIGAUD, Rose. **Les idées féministes de Christine de Pisan**. Tese apresentada à Faculté des Lettres de l'Université de Neuchâtel, Slatkine Reprints, 1973.

<sup>1</sup>COSTA, Marcos Roberto Nunes. Mulheres intelectuais na Idade Média: Hildegarda de Bigen: entre a medicina, filosofia e a mística. **Revista Trans/Form/Ação**, Marília, v. 35, p. 187-208, 2012. Edição Especial. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/transformacao/article/view/2682/2107>, Acesso em 17/01/2024.





CURCINO, Luzmara. Reflexões sobre a 'Autoria' à Luz da *História Cultural: Contribuições de Roger Chartier*. **Revista da ABRALIN**, v.15, n.2, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/47882/28818>, acesso em: 18/01/2023.

DE RUGGIERO, Trotula. **Sulle malattie delle donne**. Trad: Piero Cantalupo. Palermo: La Luna saggia, 1994.

DUBY, George; PERROT, Michelle. **História das mulheres**. Porto: Edições Afrontamentos, 1993.

ESCUADERO, Jesús A. Cristina de Pizán: identidad personal y memoria colectiva. **AGORA - Papeles de Filosofía**, 2008. Disponível em: <https://minerva.usc.es/xmlui/handle/10347/5989>, acesso em: 05/02/2024.

ESTEVA DE LLOBET, Lola. **Christine de Pizan**, Madrid: Editorial del Orto/ Biblioteca de Mujeres, 1999.

FAMIGLIETTI, R.C. **Royal Intrigue: Crisis at the Court of Charles VI, 1392–1420**. Nova Iorque: AMS Press, 1986.

GREENE, Virginie. Le débat sur le Roman de la Rose comme document d'histoire littéraire et morale. **Cahiers de recherches médiévales et humanistes**, n. 14, 2007. p. 300.

GURGEL, Veronica. CHARTIER, Roge. **O que é um Autor? Revisão de uma genealogia**. Porto Alegre, v.19, n.2, jun./set. 2016. p. 16. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/InfEducTeoriaPratica/article/viewFile/46800/39076>, acesso em 11/01/2023.

HUOT, S. **Romance of the Rose and its Medieval Readers: Interpretation, Reception, Manuscript Transmission**, Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

KEMPE, Margery. **The Book of Margery Kempe**. (Trad. De B.A. Windeatt). London: Penguin Books, 1994.

LACAPRA, Dominick. Repensar la historia intelectual y ler textos. In: PALTÍ, Elías. **“Giro lingüístico” e história intelectual**. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1998. p. 237-292.

LAIGLE, Mathilde. **Le livre des trois vertus de Christine de Pisan et son milieu historique et littéraire**. Paris: Honoré Champion, 1912.

LEITE, Lucimara. **Christine de Pizan: uma resistência na aprendizagem moral da resignação**. Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em língua e literatura francesa e Estudos Medievais da Universidade de São Paulo, 2008.

LEJEUNE, Rita apud PERNOUD, Régine. **La femme au temps des cathédrales**. Paris: Stock, 1980.

LEMARCHAND, Marie J. Introducción. In: PIZÁN, Christine. **La ciudad de las damas**. Madrid: Siruela, 2001.





MCWEBB, Christine. **Le Roman de la Rose de Jean de Meung et le Livre des Trois Vertus de Christine de Pizan: un Palimpseste Catoptrique**. Ontario: Faculty of Graduate Studies The University of Western Ontario, 1998.

NICOLETTE, Eduardo; SANTOS, Rodrigo; GUIMARÃES, Vítor. Hadewijch de Amberes: a mística medieval e suas visões sobre o divino. **Revista Mais que Amélias**. n.4, p. 1-9, 2017. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/361101224/cafb5-7d0085dac2e44a9c94d7da4f21c35d78-pdf>, acesso em 05/01/2023.

| 150

NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. Negação e aniquilação em Marguerite Porete e Mestre Eckhart. Princípios: **Revista de Filosofia**, Natal, v.22, n.27, jan.-abr. 2015. p. 13. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/viewFile/7380/pdf>, acesso em 06/01/2023.

OPITZ, Claudia. O cotidiano da mulher no final da Idade Média (1250-1500). In: DUBY, George; PERROT, Michelle. **História das mulheres**. Porto: Edições Afrontamentos, 1993. p. 331-351.

PINHEIRO, Mirtes. Hildegarda de Bingen: “Luz Iluminada pela Inspiração Divina.” **Graphos**. v.15, n.1, 2013. p.2. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/16319/9348>

PISAN, Christine; GERSON, Jean; MONTREIL, Jean; COL, Gontier; COL, Pierre. **Le Débat sur le Roman de la Rose**. Ed. Érick Hicks. Paris: Honoré Champion, 1977.

Pizan, Christine. *Cent Balades*. IX, v. 9-12. In: Pizan, Christine. **Oeuvres poétiques**. Paris: Didot, 1885-96. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k9614325n/f13.image>, acesso em 23/01/2024.

PIZAN, Christine. *Epistre au Dieu d'Amours*. v. 379-386. In: PIZAN, Christine. **Oeuvres poétiques**. Ed. Maurice Roy. Tomes 2 et 3. Paris: Didot, 1885-96. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k9614325n/f13.image>

POLL, Maria Carmen Gomes Martiniano de Oliveira van de. **A espiritualidade de Hildegarda von Bingen; profecia e ortodoxia**. 2010. 211 f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP, São Paulo, 2010.

PORETE, Marguerite. **O espelho das almas simples e aniquiladas e que permanecem somente na vontade e no desejo do Amor**. Tradução e notas de Silvia Schwartz. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, n° 2, jul./dez, p. 71-99, 1995. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>, acesso em: 25/02/2024.

SERRADO, Joana de Fátima Gonçalves Pita do. **Amar, experienciar, transformar: Minnen, Varen, Verwandelen: três verbos místicos em Hadewijch de Antuérpia**. 2004. Dissertação de Mestrado. Universidade do Porto.





SIMONI, Karine. **De dama da Escola de Salerno à figura legendária: Trotula de Ruggiero entre a notoriedade e o esquecimento. Fazendo Gênero 9: diásporas, diversidades, deslocamento.** 23 a26 de agosto de 2010. p. 4. Disponível em: [http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278291166\\_ARQUIVO\\_DedamadaescoladeSalernoafiguralegendariaTrotuladeRuggieroentreatotoriedadeeoesquecimento.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278291166_ARQUIVO_DedamadaescoladeSalernoafiguralegendariaTrotuladeRuggieroentreatotoriedadeeoesquecimento.pdf), acesso em: 04/11/2023.

| 151

TROCH, Liev. Mística feminina na Idade Média: historiografia feminista e descolonização das paisagens medievais. **Revista Graphos**, v. 15, n. 1, 2013. p. 7-8. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/viewFile/16324/9352>, acesso em 15/01/2023.

VIENNOT, Éliane. **La France, les femmes et le pouvoir: L'invention de la loi salique (v<sup>e</sup>-xvi<sup>e</sup> siècle)**, Volume 1, Paris: Perrin, 2006.

WAGNER, Jill E. **Christine de Pizan's City of Ladies: A Monumental (Re)construction of, by, and for Women of All Time.** MFF. n.44. Vol.1, p. 69-80, 2008. Disponível em: <https://ir.uiowa.edu/mff/vol44/iss1/6/>, acesso em: 03/02/2024.

WILLARD, Charity C. **A Portuguese Translation of Christine de Pisan's Livre des trois vertus.** PMLA, Vol. 78, No. 5, p. 459-464, 1963. Disponível em: [https://www.jstor.org/stable/460723?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/460723?seq=1#page_scan_tab_contents), acesso em 03/02/2024.

WILLARD, Charity C. **Christine de Pizan: her life and works.** New York: Persea Books, 1984.

